

Literatura e memória do holocausto: narrativas de vidas interrompidas

Ana Karla de Souza Pimenta Domingos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

anakdomingos@outlook.com

Resumen: Este artículo analiza y discute las narrativas de los sobrevivientes del Holocausto en la Segunda Guerra Mundial en Alemania. Se hace un breve estudio abordando las distinciones entre los géneros textuales romance y diario, a través de las narrativas del testimonio. Para ello, se analiza brevemente y comparativamente los elementos ficcionales presentes en los géneros diario y romance en dos obras.

Palabras clave: Literatura de Lager – Shoah – Literatura y memoria – Narrativa de testimonio – Narrativas de guerra

Abstract: This article analyzes and discusses the narratives of holocaust survivors in the World War II, in Germany. It briefly approaches the distinctions between two textual genres, romance and diary, through testimonial narratives. To do so, it analyzes and compares the fictional elements that are part of the diary and romance in two books. [1]

Keywords: Lager Literature – Shoah – Literature and Memory – Testimonial Narrative – War Narratives

O holocausto evento trágico da história da humanidade, é frequentemente visto como fato isolado, distante por qual passou um povo, em uma época remota.

Errônea, mas frequentemente, é comum alguns estudantes e professores tentarem relativizar a importância dos estudos que abordam genocídios acontecidos durante a segunda guerra mundial. Muitos tentam elaborar teorias explanatórias para acalmar suas próprias inquietações sobre o extermínio de seis milhões de judeus e outras minorias entre 1939, até a liberação dos presos nos campos de concentração em 1945.

Estudar sobre o ódio não é tarefa fácil. Entender o papel do antissemitismo na Europa e como este preconceito específico se instalou nas mentes da maioria da população alemã, ajuda a compreender como o nazismo obteve contundente adesão popular como partido político-ideológico.

Entender o espírito de uma época e os eventos que nela ocorreram, é próprio de e mais fácil para quem foi contemporâneo e testemunha viva dos fatos deste *Zeitgeist*.¹ Segundo o filósofo italiano Agambem, o contemporâneo é capaz de descolar-se de sua época e enxergá-la como é; com suas luzes e trevas, ele é capaz de tecer críticas e entender as engrenagens da sociedade da qual ele /fizera parte, de uma forma que seria impossível a nós fazê-lo.

Em seu seminário sobre contemporaneidade o autor define este termo:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (59).

Compreendendo este argumento, podemos inferir o motivo de estudarmos e analisarmos a narrativa de sobreviventes do Shoah,² em português Holocausto.

Os sobreviventes são contemporâneos de uma época que foge à nossa compreensão e podem, através dos testemunhos de quem sobreviveu às atrocidades nazistas, contribuir com um entendimento fundamental sobre

¹ *Espírito do tempo* (alemão). Termo muito usado nesta língua na literatura.

² E também filme de 2018 do falecido diretor Claude Lanzmann, que descreve os campos de extermínio nazistas mostrados a partir de imagens e depoimentos de sobreviventes, testemunhas e até de pessoas que organizavam ou trabalhavam no processo de extermínio em massa. Centrado nessas pessoas, ele mostra que o anti-semitismo que provocou o enorme massacre ainda estava bem vivo na época, principalmente na Alemanha e na Polônia. (*Shoah online*).

essa época nebulosa para as gerações vigentes e futuras. Muitos, no entanto, se perguntam o porquê de as vítimas dos campos de extermínio terem demorado a se pronunciar sobre suas experiências e porque o mundo não soube imediatamente, através das forças aliadas, o que se passou durante aqueles anos obscuros.

Quando Berlim foi tomada pelas forças aliadas e os campos de concentração liberados, houve um período de mutismo em que as vítimas do trauma vivido durante a guerra ainda não estavam preparadas para compartilhar. Os motivos para essa relutância em dividir suas experiências nos campos se deve à incredulidade que as demais pessoas demonstravam ao tomarem conhecimento dos horrores a que os sobreviventes haviam sido submetidos e a culpa destes por terem sobrevivido a tantos outros judeus massacrados e mortos. Esse fenômeno ficou conhecido como a "era do silêncio", e teve seu fim em 1961 com o julgamento e condenação do tenente-general Otto Adolf Eichmann em Israel, cujo cargo, durante a Segunda Guerra, tinha o sugestivo nome de *Administrador do programa da Solução Final judaica*. Eichmann foi executado por enforcamento em 1962, aos 56 anos.

Durante o julgamento de Eichmann, pela primeira vez na história, foi dada no tribunal voz às vítimas, uma oportunidade de falarem sobre suas experiências para um grande público, já que o referido julgamento foi televisionado e, com isso, atingiu um número desmedido de pessoas, diferentemente do que ocorrera no julgamento de Nuremberg entre 1945 e 1946. O mundo pôde, então, conhecer mais sobre os horrores perpetrados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Estes horrores infligidos aos judeus perseguidos pelos nazistas esta ocasião, foi tão avassalador que a sociedade do pós-guerra, em colapso econômico e psicológico, não se viu preparada para lidar com a crueldade e desumanidade impostas em nome da solução final judaica.

Entretanto, com o surgimento dos revisionistas e negacionistas da história do Holocausto (aqueles que não creem que ele aconteceu), e a

manutenção do antissemitismo e o ressurgimento da extrema direita em diversos países, abriu-se campo para vários questionamentos sobre a re-instalação do fascismo e o ressurgimento da intolerância de várias ordens, principalmente a racial e a religiosa, que se espalharam por vários locais do globo.

Seriam essas ocorrências decorrentes de uma falha na Educação global? Seriam elas uma ausência de empatia, de compreensão sobre o outro, de intolerância que assola a humanidade desde os primórdios dos tempos? Difícil responder; e abandonamos estas questões, porquanto não é nosso objetivo responder a estas perguntas, mas, refletir sobre a importância social e educativa dos testemunhos das vítimas contemporâneas do Shoah.

Sabemos que a história tem um caráter cíclico e que a rejeição ao diferente nunca cessou de existir; o preconceito é mutável em suas manifestações e, para não correremos o risco de uma repetição das perseguições às minorias, urge um contínuo estudo e uma validação das memórias dos sobreviventes do Holocausto, para que os seis milhões de judeus perseguidos e exterminados não caiam no esquecimento.

Elias Wiesel foi um escritor judeu sobrevivente dos campos de concentração nazistas, que recebeu o Nobel da Paz de 1986 pelo conjunto de sua obra de 57 livros dedicada a resgatar a memória do Holocausto e a defender outros grupos vítimas das perseguições. Nesse sentido, afirma:

A verdade de Auschwitz permanece oculta em suas cinzas. Somente aqueles que viveram sua realidade na carne e na mente talvez possam transformar sua experiência em conhecimento. Os outros, por melhores que sejam todas as suas intenções, não podem fazê-lo (1-2).

O discurso de Wiesel a cerca da transmissibilidade e compreensão sobre o holocausto pelas gerações posteriores ao Holocausto deixa claro que somente o sobrevivente dos campos é capaz de produzir algum conhecimento sobre uma época tão obscura. As outras pessoas teriam que desenterrar a verdade das cinzas de Auschwitz.

Nesse sentido, julgamos necessário adicionar que aqueles que vivenciaram tal época, sendo contemporâneos dela e do governo, da ascensão e queda de Hitler, foram os que verdadeiramente puderam testemunhar sobre o que significou esta era para a humanidade, sejam eles sobreviventes dos campos ou aqueles que se refugiaram em algum tipo de esconderijo durante o Holocausto. Todos os que vivenciaram as leis segregacionistas impostas na Alemanha nazista e demais regiões anexadas ao III Reich podem contribuir, através do relato de suas lembranças para uma compreensão real sobre os horrores daqueles tempos.

Feitas essas considerações, na sequência, discutimos sobre o diário e o romance, gêneros textuais e duas formas comuns de narrar o trauma durante o período da guerra.

Diário e Romance: formas distintas de narrar o trauma

Os objetos de análise deste artigo são as obras *A tenda branca*, de Salus Loch lançado em 2017 que narra, de forma romanceada, a vida da sobrevivente Magdalena Guita Wein e o afamado *Diário de Anne Frank* lançado pela primeira vez em 1947.

Primeiramente, procedemos às distinções existentes em entre estes dois gêneros textuais, antes de discutirmos a importância e as peculiaridades do conteúdo de cada obra.

Romance é um gênero textual em prosa que consiste em uma narrativa longa que possui personagens planas, enredo, espacialidade e temporalidade bem definidos, uma ação, lugar onde ela ocorre, uma trama e um ponto de vista, isto é, a perspectiva do narrador, que pode ser de 1ª ou 3ª pessoas, onisciente ou onipresente. Apresenta, de maneira ficcional, a experiência social, uma representação mais próxima da experiência individual, e sem compromisso com a realidade.

Por seu lado, o diário outro gênero textual, é narrado em primeira pessoa e relata experiências pessoais e impressões do autor em um

determinado tempo, possui linearidade temporal e faz um pacto de veracidade com o leitor, assim como as biografias e as cartas.

Narrativas de contemporâneos do Holocausto

Com o final da Segunda Guerra Mundial e a liberação dos prisioneiros dos campos de concentração na Alemanha, alguns sobreviventes sentiram a necessidade de contar ao mundo sobre os horrores que vivenciaram, narrar a barbárie experienciada, como forma de libertação do sofrimento; foi a maneira encontrada por estes poucos sobreviventes que ousaram falar sobre o mal que lhes fora impingido.

Apesar do pouco interesse da sociedade do pós-guerra por esses relatos, *O diário de Anne Frank*, lançado em 1947, teve grande sucesso de público e essa recepção positiva, posteriormente, ajudou outros relatos a serem lidos e terem sua importância reconhecida.

No entanto não é considerado literatura de Lager, por sua produção ter acontecido antes da família Frank se esconder no anexo secreto e durante sua reclusão. Alguns sobreviventes como Guitta Wein por exemplo, optaram por contar sua vida, através das palavras de um profissional que tivesse a habilidade de escrever sobre suas memórias. Afinal, nem todas as narrativas do Shoah encontraram os mesmos meios para chegarem até o público. O diário de Anne, por exemplo, foi publicado por seu pai Otto Frank, após a notícia de que sua filha não sobrevivera aos campos. Magdalena Guitta Wein teve seu testemunho narrado à Salus Loch, jornalista e especialista em Segunda Guerra Mundial com diversas matérias publicadas sobre o tema.

Já o romance *Tenda branca* surgiu do relato da sobrevivente para uma matéria que o autor produziu sobre os sobreviventes do Holocausto.

Apesar dos gêneros textuais distintos utilizados para narrar as experiências do horror nazista em uma mesma época, ambas as obras são o que se entende por literatura de testemunho que só o escritor sobrevivente

pode registrar por escrito. Este tipo de narrativa ancora-se na memória do indivíduo que passou por um trauma, e, como toda narrativa derivada de memórias, esta possui lacunas próprias de quem está contando algo, por meio de suas imagens mentais, de uma situação passada marcante.

Quando comparamos a obra de Anne Frank com o romance escrito por Salus Loch, observamos que tanto no diário de Anne quanto no romance, encontramos elementos de auto-ficção, parte inseparável da construção literária de testemunho. Este tipo de narrativa utiliza-se de elementos da imaginação imprescindíveis à literatura, ao mesmo tempo em que não prescinde do seu caráter de documento histórico.

Devemos, ainda, nos atentar para o fato de que os elementos ficcionais presentes em tais narrativas não alteram ou invalidam seu teor documental. Ao narrarmos acontecimentos passados, incluímos ou omitimos fatos devido à interferência de nosso inconsciente. A ficção é parte de qualquer narrativa literária, até mesmo da documental, na qual, obviamente, também usamos a imaginação. Nessa linha de pensamento, Marcio Seligman Silva, professor de teoria literária na Universidade de Campinas, a seguir, conceitua imaginação:

A imaginação é chamada/[...] como arma que deve vir em auxílio simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio de sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço (71).

Retomando as obras analisadas, podemos verificar que no diário de Anne Frank, a autora dedica sua escrita a uma amiga imaginária, "Kitty", pois como ela mesmo explica, não queria escrever seu diário do mesmo modo que outros escritores. Nessa direção, são estas as palavras de Anne Frank:

[...] para melhorar a imagem do amigo há muito tempo esperado em minha imaginação, não quero jogar os fatos neste diário do jeito que a maioria das pessoas faria; quero que o diário seja como uma amiga, e vou chamar esta amiga de Kitty [...] (89).

Este elemento personalista na narrativa de Anne Frank configura um dos caracteres ficcionais, pois "Kitty" é uma amiga criada pela própria autora do diário, como forma de burlar e camuflar sua solidão e personificar aquele caderno que continha suas confissões mais íntimas, relatos que Frank pensava em publicar no pós-guerra.

Em contrapartida, no romance *Tenda branca*, apesar de sabermos de antemão que a história ali contada foi, em sua grande parte, baseada nos fatos da vida da sobrevivente Guitta Wein, não podemos apontar, com certeza, que partes sofreram alterações feitas pela sobrevivente, ou pelo autor. Essas modificações feitas com intenções estéticas na obra, no fim das contas, não a invalidam apesar do caráter ficcional do romance, pois, os fatos narrados sobre Guitta se referem a uma sobrevivente de Auschwitz.

A testemunha dos crimes nazistas, hoje em idade avançada, faz uma retrospectiva comovente sobre sua infância nos guetos na Romênia, sua experiência com a morte dos familiares, a doença e sua quase morte nos campos de concentração pelos quais passou.

A obra abarca suas experiências após Auschwitz e sua vida na América Latina, no entanto, a ideia de apresentar tais memórias ao público teve como principal motivador o compromisso de compartilhar suas lembranças de sobrevivente com a sociedade. O autor fez com que sua escrita fosse clara, objetiva e informativa, para que a obra pudesse cumprir com esta expectativa de cunho sociopedagógica. Para tal, utilizou informações de cunho/de base histórica pesquisadas e adicionadas à narrativa de Guitta Wein, para que a obra levasse tais conhecimentos até o leitor, como, por exemplo, o nome do gás que os nazistas utilizavam nas câmaras de gás para as execuções, e que ela não conhecia naquela época.

Ao longo da narrativa, o autor menciona a falta de linearidade das memórias relatadas pela sobrevivente, através de seu álter ego "Glen". O mesmo autor, ao recolher o relato da sobrevivente, faz uma menção sobre a ausência desta linearidade. A comprovação disto está no excerto do segundo

capítulo intitulado *O pêssego*, porém, Loch justifica a ausência de linearidade ao explicar que “[...] as informações surgiam numa linha que não era, necessariamente, reta. Nem precisava ser. Este seria o trabalho de Glen- dar ordem à história de uma vida de sequências inacabadas [...]” (19).

Neste capítulo, a sobrevivente narra a fome experimentada no campo e o seu desejo pelo pêssego que o soldado alemão que vigiava sua barraca comia. O pêssego, se torna o objeto do desejo, a metáfora da saciedade, do sonho que lá não existia (*Não havia sonho*), inacessível para enfrentar a inanição. É o que narra Loch:

[...] aquele era o melhor e mais carnudo pêssego do mundo. Eu não tinha dúvidas disso. Especialmente, porque em Auschwitz não havia frutas. Não havia nada. Não havia sonhos. Havia apenas dor, morte e sofrimento...Ahhh, como eu queria um pedaço daquele pêssego...Posso imaginar seu delicioso sabor até hoje (19).

Passado e presente, em trânsito elíptico, misturam-se, na narrativa (*Posso imaginar seu delicioso sabor até hoje.*), elemento marcante em narrativas de testemunho, como afirma a teórica Beatriz Sarlo:

[...] o testemunho, por sua auto representação como verdade de um sujeito que relata sua experiência, exige não ser submetido as[sic] regras que se aplicam a outros discursos de intenção referencial, alegando a verdade da experiência, quando não a do sofrimento, que é justamente a que deve ser examinada (38).

Isso posto, no próximo capítulo, analisamos as implicações e os limites da memória contidos nas narrativas analisadas neste texto.

Os limites da memória na literatura de testemunho

Toda e qualquer narrativa de testemunho é composta por elementos ficcionais, devido a incapacidade do sujeito para reproduzir de maneira totalmente verossímil os eventos experienciados.

Quando pensamos sobre este tipo de narrativa, que por si só é permeada por memórias de eventos traumáticos, devemos nos ater ao fato

de que também estamos lidando com uma narrativa cravada, mesmo que parcialmente, por elementos ficcionais produzidos pela memória de um indivíduo abalado por situações de extremo sofrimento. Tais narrativas podem ser modificadas por lacunas preenchidas com informações, ou até mesmo com elementos irrealis acrescentados pelo inconsciente traumatizado, produzindo diferentes versões sobre o mesmo evento descrito, e, conseqüentemente, fazendo emergir o questionamento de estudiosos de tais eventos históricos, que porventura busquem em tais relatos materiais para a comprovação de atrocidades em períodos de guerra e perseguições. Apesar do fato narrado ser real, a maneira como o sujeito sobrevivente o relata pode conter traços de ficcionalidade.

Nessa linha de pensamento, Lyslei Nascimento leciona:

A memória da Shoah e a literatura de testemunho desconstruem a historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários), à medida que incorporam elementos ficcionais em suas composições e, através de simulações de experiência, reenviam o leitor a um terreno movediço e virtual (96).

Revisionistas dessas narrativas se alimentam das “disparidades” recorrentes nas narrativas de sobreviventes do Holocausto, porquanto buscam reescrever as histórias deles, mas, baseando-se em suas próprias convicções pessoais racistas e tendenciosas e em realidades distantes da época dos eventos em tela. Para que tais relatos biográficos sejam utilizados como material de estudos, sem ter sua veracidade questionada, devemos sempre ter em conta os limites que a memória impõe em tais narrativas, não somente como ingrediente essencial para toda narrativa autobiográfica, devido às limitações mentais sofridas pelos indivíduos, mas, também, com o entendimento de que se trata de um relato difuso e não de um relatório de atividades e acontecimentos lineares, tal qual uma retrospectiva jornalística, mas, sim, de um produto de narrativa atravessada por sentimentos nebulosos e um apagamento natural do tempo imposto a todos nós, sobreviventes de atrocidades ou não. Não devemos levar as narrativas dos sobreviventes ao

júri popular, pois a narrativa de testemunho não se presta a esse tipo de questionamento.

Nessa linha, no romance biográfico *A tenda branca*, a sobrevivente Guitta Wein recorda fatos ocorridos em sua infância parcialmente vivida em um gueto na Romênia antes de ser deportada para Auschwitz. O escritor do livro se utiliza das memórias contadas pela sobrevivente e acrescenta alguns elementos à narrativa para que o romance se torne, ao mesmo tempo, mais atrativo e informativo para o leitor.

Da mesma maneira, em *O diário de Anne Frank*, algumas partes foram reescritas pela própria Anne durante sua produção. Posteriormente, outras modificações foram efetuadas por seu pai, Otto Frank, para que a versão lançada oficialmente em 1947 se adequasse à época, porque tais alterações evitariam expor a família Frank, desde que o texto original continha confissões íntimas sobre a sexualidade de Anne Frank, tema que, à época, ninguém expunha, e o Sr. Frank precisava viabilizar / sua impressão com a editora. Por razões óbvias, tais relatos íntimos eram atípicos em livros destinados aos, ou escritos por, jovens daquela época.

Posteriormente, com o relançamento do diário, as partes que haviam sido anteriormente omitidas, se reintegraram à obra, o que foi duplamente importante em alguns aspectos: conservar as características de texto documental, e desnudar intimidades que, se não eram aceitáveis na ocasião, hoje o são. Outra época, outra sociedade, com mulheres mais empoderadas e assumidas em suas posturas sexuais, sociais e econômicas. Afinal, o diário de Anne Frank também era um caderno de desabafo da jovem, e respeitar sua identidade sexual, naquele momento, era respeitar também sua memória.

Em ambas as obras irremediavelmente encontramos traços de ficcionalidade, devido ao caráter subjetivo daqueles que produziram tais relatos. Estes traços ficcionais são parte inseparável da literatura de catástrofe. Por isto, não podemos deixar de considerá-los como peças cruciais para a produção de tal tipo de narrativa, pois a imaginação é parte

de nosso ser, e, conseqüentemente, estará presente em qualquer relato literário que tenha como fundamento acontecimentos traumáticos como os do Holocausto.

Considerações finais

Expostas nossas ideias e feitas análises sobre a presença da ficcionalidade nas duas obras selecionadas, concluímos que toda tentativa de questionamento às disparidades presentes nos relatos dos sobreviventes se devem ao fato de um não entendimento sobre como a memória e sua não linearidade estão atreladas aos testemunhos dados como algo inseparável de qualquer narrativa baseada na memória. Afinal, invariavelmente, a memória é constituída por lacunas. Quando estudamos a memória de indivíduos que passaram por um grande trauma, a maneira como essas lembranças se organizam é ainda mais confusa e sinuosa, tornando possível o preenchimento dessas lacunas com elementos fictícios próprios de qualquer inconsciente traumatizado. Portanto formam-se disparidades entre os testemunhos, mas nunca os invalidando ou abrindo margem para acusações e negacionismo do Shoá, que prossegue sendo um crime perverso e inominável contra a humanidade, de caráter singular e irremediável.

Bibliografia

Abreu, Denise Borille. "A gênese de o diário de Anne Frank: várias facetas de uma jovem escritora". *Revista de Estudos Judaicos*, 13. 24 (2019): 1-17. Em linha.

Agamben, Giorgio. *O que é contemporâneo?: e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.

Calvo, Julia, Moreira, Julia Amaral. "As vozes da História e as vozes na história: revisitando a memória dos sobreviventes do Holocausto em Belo Horizonte". *Revista de Estudos Judaicos*, 11 (2015-2016): 118-145. Em linha.

Frank, Anne. *O diário de Anne Frank: edição integral*. Rio de Janeiro: Record, 2004. Tradução de Ivanir Alves Calado. [3 ed.].

Loch, Salus. *A tenda branca*. Porto Alegre: Scriptum Produções Culturais, 2017.

Nascimento, Lyslei. "O museu, a Shoah e a cena da rememoração". *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, 1.1 (2007): 87-113. Em linha.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001"

Reis, Carlos. *Luz sobre o caos: educação e memória do holocausto*. Rio de Janeiro. Imprimatur, 2018.

Sarlo, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

Seligmann, Marcio Silva. "Narrar o trauma- a questão dos testemunhos de catástrofes históricas". *Psicologia Clínica*, 20. 1 (2008): 65-82. Em linha.

Shoah Sinopse e detalhes. México: Adoro Cinema. Online:
<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-298/>. Data de acesso:
18/11/2020.

Silva, Raysa Luana da. "A questão da memória em narrativas de testemunho". *Revista do Sell*, 4. 2(2014): 2-17. Online:
<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/459>. Data de acesso: 08/10/2019.

Wiesel, Elie. "A dessacralização do Holocausto". *O Estado de S. Paulo*, 466/01/1989. 1-2. Meio impresso.